

7 de setembro de 2002

CADERNO B

Sempre um passo adiante**'Santagustín' marca um avanço na trajetória do Grupo Corpo**
ROBERTO PEREIRAEspecial para o JB
Crítica/DANÇA

Para os olhos desavisados, o mais novo trabalho do Grupo Corpo, *Santagustín*, que teve sua estréia na cidade, na última quinta-feira, no Teatro Municipal, traria, à primeira vista, apenas os movimentos característicos que Rodrigo Pederneiras, seu coreógrafo, vem desenvolvendo há um bom tempo, com outro figurino, outro cenário e outra música. Ultrapassando as armadilhas de uma primeira leitura, mais fácil e impressionista, há que se acurar os olhos para perceber ali avanços fundamentais na trajetória impar dessa companhia de dança contemporânea brasileira.

Para quem constrói um vocabulário coreográfico, coisa rara entre os criadores de dança, cada nova obra surge como um desafio de extrair sentidos novos desse vocabulário ou, mais ainda, de alargá-lo. Para quem assiste, resta a tarefa minuciosa de perceber onde o movimento se inaugura como novo a partir de sua relação com o já conhecido, sem contudo perder a assinatura de quem o cria. Em *Santagustín*, Pederneiras consegue mais uma vez tal façanha, proporcionando ao público a oportunidade desse exercício, sobretudo por ser apresentada após *Parabelo*, outra obra da companhia, de 1997.

A temática, que circula entre jogos possíveis de amor e humor, parte da história do filósofo Santo Agostinho e suas relações entre os prazeres da carne e sua conversão ao cristianismo. Em dança, esses jogos aparecem em instigantes duos, que se alternam entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres. Coreograficamente, Pederneiras não só experimenta novos movimentos, o que para ele se pode chamar de verdadeiros neologismos, como também recupera outros, mais próximos do balé, que funcionam aqui quase que como "licenças poéticas", numa inversão absolutamente nova.

Dentro desse espírito licencioso, tanto do filósofo quanto do coreógrafo, vale um coração despidoradamente rosa, de pelúcia, como cenário, sendo texturizado pela invenção fresca dos figurinos assinados por Ronaldo Fraga, em sua estréia na equipe tão coesa do Grupo Corpo. Valem também versos como "chorar é coisa do amor, amor coisa do coração", na voz cortante de Teté Espindola, numa música que transita o tempo todo entre os atritos do humor e do amor, sabiamente inventada por Tom Zé e Gilberto Assis. São esses avanços que fazem de *Santagustín* um convite ao olhar cuidadoso, mas nem por isso menos bem-humorado. Ai, mais um jogo de alternâncias, que se espalha para o público.

O Grupo Corpo é hoje a maior e melhor companhia de dança contemporânea do país. Tem reconhecimento aqui no Brasil e também no exterior, e a crítica, nacional e estrangeira, não o "esnoba". Essa unanimidade tem uma explicação, talvez a primeira, e ao mesmo tempo a mais simples e complexa: o pensamento de dança que se constrói ali é bom. É muito bom. Basta apenas que se perceba.



O grupo Corpo, com 'Santagustín', mostra por que a melhor companhia de dança contemporânea do país é uma unanimidade